



**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO:
PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

Linha de pesquisa

Geografia Rural e Agrária (Meio Ambiente Rural)

**LUGAR SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
COMUNIDADES DE CABOCLO E PEDRA GRANDE
MUNICÍPIO DE GUARABIRA/PB**

Maria das Graças da Silva

Guarabira – PB

2010

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

**LUGAR SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
COMUNIDADES DE CABOCLO E PEDRA GRANDE
MUNICÍPIO DE GUARABIRA/PB**

Monografia submetida à Banca Examinadora do Curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III/UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Geografia.

Orientadora:
Professora Msc. Amanda Christinne Nascimento Marques – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL, campus Satuba.

Guarabira – PB

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586l	Silva, Maria das Graças da Lugar social e desenvolvimento local: comunidades de caboclo e Pedra Grande, Guarabira/PB / Maria das Graças da Silva. – Guarabira: UEPB, 2010. 58f. Il. Color. Monografia Especialização (Trabalho Acadêmico Orientado – TAO) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof ^a . Ms. Amanda Christinne Nascimento Marques”. 1. Desenvolvimento Sustentável 2. Comunidade 3. Lugar I. Título. 22.ed. CDD 338.9
-------	---

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

**LUGAR SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
COMUNIDADES DE CABOCLO E PEDRA GRANDE
MUNICÍPIO DE GUARABIRA/PB**

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Presidente – (Orientadora) UEPB/CH/DGH – IFAL
Prof^a. Amanda Christinne Nascimento Marques
Mestrado em Geografia pelo PPGG/UFPB.**

**Maria Alethéia S. Belizário
Mestre em Geografia - UEPB**

**Prof^a. Adeilma Carneiro Bastos
Mestre em História pelo PPGH/UFPB.**

Aprovada em _____ de _____ de _____

Guarabira – PB

2010

**COORDENAÇÃO DA ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO:
 PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL
 FICHA DE AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA**

NOME DO CURSO: Especialização em Geografia Território Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental
UNIDADE RESPONSÁVEL: DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
COORDENADOR (A): Luciene Vieira de Arruda

MONOGRAFIA	
AUTOR (A): Maria das Graças da Silva	
ORIENTADOR (A) TITULAÇÃO: Profa Ms. Amanda Christine Nascimento Marques - UEPB	
TÍTULO: Lugar Social e Desenvolvimento Local: Comunidades de Caboclo e Pedra Grande, Guarabira/PB	LINHA DE PESQUISA: Geografia Rural e Agrária (Meio Ambiente Rural)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as práticas cotidianas das famílias residentes nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande - Guarabira/PB, nesse sentido busca estabelecer uma relação entre as práticas cotidianas, a reprodução social e as alternativas de melhorias de vida e a convivência no lugar onde moram. O recorte temporal escolhido para a realização da pesquisa corresponde aos anos de 1994 a 2010, por ocasião do acesso aos investimentos e créditos do governo federal. As pesquisas acadêmicas foram iniciadas durante o estudo monográfico na graduação do curso de Geografia e continuado na Especialização Geografia e Território: Planejamento Urbano, rural e ambiental da UEPB. Do ponto de vista metodológico a utilização da etnografia (CHIZZOTTI, 2006) facilitou na convivência entre os camponeses e na exposição de conhecimentos relacionados à realidade local. A importância desse estudo nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande em Guarabira-Pb se consolida a partir da difusão desse conhecimento; da atitude do camponês em estabelecer uma nova relação de respeito com a natureza; na participação cidadã no controle das políticas Públicas; nas ações de Desenvolvimento Sustentável caracterizado pela força da organização social local e na experiência do trabalho coletivo entre as famílias. Sempre numa perspectiva de melhoria na qualidade de vida dessas famílias no sentido de fortalecer a resistência em continuar no campo com condições que aponte para um desenvolvimento sustentável.

Palavras Chave: lugar, comunidade e resistência.

DATA DE APRESENTAÇÃO: 30/09/2010

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

PROFESSORES:	ASSINATURAS:	Notas
Profª Ms. Amanda Christine Nascimento Marques		10,0
Profª Ms. Maria Alethéis Stedile Belizário - UEPB		10,0
Profª Ms. Adelma Carneiro Bastos		10,0

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO (A) ALUNO (A): 10,0

Observações:

Guarabira, 30 de setembro de 2010

Profª Drª Luciene Vieira de Arruda
 Coordenador(a) da Especialização


Luciene Vieira de Arruda
 COORD. ESP. GEOGRAFIA
 MAT. 3324881 - CH - UEPB

Aos meus pais adotivos **José Pereira e Maria Ana**, a quem devo a minha educação, princípios, valores e conceitos de respeito e amor ao próximo. Não os tenho mais presente fisicamente, mas em memória e sentimento.

A **Ester**, minha mãe biológica por ter colaborado com minha vinda ao mundo, também já partiu para a eternidade deixando em mim os genes da teimosia, da animosidade e a força de lutar pelo que acredito herança que tem me sustentado e persistido na conquista dos meus sonhos.

A **Izabel e Elaine**, irmãs, amigas e companheiras, têm me ajudado nesses anos todos e, nos momentos difíceis âncora, abrigo, consolo. Mulheres guerreiras a quem devo muito do que sou e tenho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a **Deus Pai e Mãe** da vida e a **JESUS** luz em nosso caminho, sempre tão presentes nos momentos difíceis de solidão e de meditação nos ajudando a escolher o rumo certo, nos dando à coragem e a força necessária para superar as adversidades e continuar crente de que um mundo melhor é possível.

Agradecemos as **professoras** Amanda Marques e Aline Barboza pelo estímulo e confiança. Orientadoras, exemplo de inteligência e carisma, oferecendo seus conhecimentos com desprendimento e total doação.

Aos demais **Professores**, que nos ajudaram a dimensionar os conhecimentos, identificar novos paradigmas, formar uma nova consciência e protagonizar coerentemente perante as estruturas preestabelecidas uma nova sociedade baseada nos princípios de justiça e solidariedade.

Aos **colegas de turma** com quem convivemos esse ano de estudo. Desvendando novos caminhos e trilhas, superando limites, dividindo sonhos, conquistando espaços, adquirindo experiências, construindo perspectivas de futuro.

À **Associação dos Produtores Rurais das Comunidades de Caboclo e Pedra Grande**, na pessoa do Sr. **José Alves Gaião** poeta de grande conhecimento um dos mais antigos moradores da comunidade, com 93 anos de idade, exemplo de consciência e de preservação da natureza.

Quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso. (Paulo Freire).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01:- Agricultores utilizando de corte de terras com o trator da Associação.....	25
Imagem 02 e 03: Sr. Pedro Felix e formas de armazenamento de sementes	28
Imagem 04 e 05:- Sr. José Alves Gaião um dos moradores mais antigos na comunidade.....	30
Imagem 06 e 07:- Sr. Pedro Felix e vista panorâmica da Pedra Grande.....	32
Imagem 08 e 09: Festa da Coração de N. Senhora da Conceição.....	33
Imagem 10 e 11: – Vista da Passagem molhada e trecho do rio Araçagi.....	37
Imagem 12 e 13: Comercialização dos produtos na feira do produtor Guarabira/Pb.....	41
Imagem 14 e 15: Experiência de trabalho coletivo Mutirão para limpa de barreiro e reforma da capela.....	45
Imagem 16 e 17: Almoço comunitário no local onde se realizam as atividades.....	46
Imagem 18 e 19: Reunião da Associação e Capacitação em trabalhos manuais e pintura em tecidos.....	47
Imagem 20 e 21: Roçado Plantio de milho e feijão macaça e grupo fazendo beneficiamento de alimentos.....	48

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 e 2: Mapa do Brasil e mapa da Paraíba.....	22
Mapa 3: Mapa do Município de Guarabira.....	22

2. LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Utilização das áreas estabelecidas.....	24
Gráfico 02 – População local dividida por faixa etária.....	39
Gráfico 03 - Famílias e Propriedade.....	42
Gráfico 04 – Nível de instrução da população local.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Número de estabelecimentos e áreas dos estabelecimentos....	21
Tabela 02 - Produção, valor da produção e área colhida de mandioca em Guarabira.....	38
Tabela 03 – Formas de trabalho e renda que se destacam na comunidade.	40
Tabela 04: Forma da obtenção das terras na Paraíba.....	41
Tabela 05: Situação da moradia e saneamento.....	43

3. LISTA DE SIGLAS

EMATER – PB – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais
SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
PRONAF – Programa Nacional da Agricultura Familiar
PCPR – Programa de Combate a Pobreza Rural
PPA – Plano Plurianual
LDO – Lei de Diretrizes Orçamentária
CAGEPA – Companhia de Água e Esgoto da Paraíba
CÁRITAS GBA_ Instituída pela Cúria Diocesana de Guarabira e relacionada à
Cáritas Brasileira
IDSM - Índice de desenvolvimento Sustentável para os municípios.

LUGAR SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:

COMUNIDADES DE CABOCLO E PEDRA GRANDE MUNICÍPIO DE GUARABIRA/PB

Autora: MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA

Orientadora: Prof^a. Msc. Amanda Christinne Nascimento Marques Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL, campus Satuba

Banca examinadora: Prof^a. Msc. Alethéia S. Belizário - UEPB

Prof^a. Adeilma Carneiro Bastos Mestre em História pelo PPGH/UFPB.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as práticas cotidianas das famílias residentes nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande - Guarabira/PB, nesse sentido busca estabelecer uma relação entre as práticas cotidianas, a reprodução social, as alternativas de melhorias de vida e a convivência no lugar onde moram. O recorte temporal escolhido para a realização da pesquisa corresponde aos anos de 1994 a 2010, por ocasião do acesso aos investimentos e créditos do governo federal. As pesquisas acadêmicas foram iniciadas durante o estudo monográfico na graduação do curso de Geografia e continuado na Especialização Geografia e Território: Planejamento Urbano, rural e ambiental da UEPB. Do ponto de vista metodológico a utilização da etnografia (CHIZZOTTI, 2006) facilitou no convívio entre os camponeses e na exposição de conhecimentos relacionados à realidade local. A importância desse estudo nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande em Guarabira-Pb se consolida a partir da difusão desse conhecimento; da atitude do camponês em estabelecer uma nova relação de respeito com a natureza; na participação cidadã no controle das políticas Públicas; nas ações de Desenvolvimento Sustentável caracterizado pela força da organização social local e na experiência do trabalho coletivo entre as famílias. Sempre numa perspectiva de melhoria na qualidade de vida dessas famílias no sentido de fortalecer a resistência em continuar no campo com condições que aponte para um desenvolvimento sustentável.

Palavras Chave: lugar, comunidade e resistência.

SÍNTESES

La actual análisis tiene como objetivo conocer las prácticas cotidianas de las familias residentes en las comunidades de Caboclo y Pedra Grande - Guarabira/PB, en este sentido búsqueda establecer una relación entre las prácticas cotidianas, la reproducción social, las alternativas de mejora de vida y la convivencia en el lugar donde moran. El recorte temporal escogido a fin de realización de esa pesquisa corresponde a los años de 1994 a 2010, por ocasión de acceso a los investimentos y créditos de lo gobierno federal. Las pesquisas académicas foram iniciadas durante los estudios monográficos in la graduación y proseguido en el curso de la Especialización Geografía y territorio: Planejamento urbano y ambiental de la UEPB. Del punto de vista metodológico la utilización de la etnografía (CHIZZOTTI, 2006) facilitou en convivio entre los campesinos y en la exposición del conocimientos correspondientes a la realidad local. La importancia de esse estudio en las comunidades de Caboclo y Pedra Grande en Guarabira-PB se consolida a partir de la difusión de esse conocimiento; de la actitud de el campesino en establecer una nueva relación de respecto con la naturaleza; en la participación ciudadã en el control de las políticas públicas; en las acciones de desarrollo sostenible caracterizado pela fuerza de la organización social local y en la experiencia de lo trabajo coletivo entre las familias. Siempre numa perspectiva de mejora de la calidad de la vida de essas familias com el fin de fortalecer la resistência en continuar en lo campo con condiciones que apunte para um desarrollo sostenible.

Palabras llave: lugar, comunidad y resistencia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REFERENCIAL TEORICO.....	19
2.1 - A construção de saberes ambiental: Campesinato, desenvolvimento e sustentabilidade.....	19
2.2 - Dos lugares e tempos da resistência: agroecológicas x agronegócio.	26
2.3 - Imagens e imaginários dos Lugares de Caboclo e Pedra Grande.....	29
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES:.....	36
4.1 Exposição dos resultados e Caracterização geral e análise do desenvolvimento local das comunidades de Caboclo e Pedra Grande.....	36
4.2 – Breve Histórico da Organização Política da Comunidade.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6. REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	52

1. INTRODUÇÃO

Desde as mais remotas civilizações a humanidade precisa se organizar em grupos sociais. É nessa forma de viver em sociedade que os contatos, as expressões, os sentimentos e as experiências são estimulados (MORIN, 2003).

A diversidade das ações realizadas promove a proximidade entre as pessoas, que possibilita as transformações do lugar onde vivem. Entretanto, o lugar vai adquirindo características próprias, ajustando-se às referências sociais, econômicas e culturais, alicerçados nos valores que aquele determinado grupo social se fixa.

A relação do homem e da mulher com o espaço onde vivem, é o que determina as relações sociais e o interesse, que influencia apoderar-se dos recursos ali existente. A utilização desses recursos é o que gera os constantes conflitos entre os grupos sociais, de maneira que, a luta pela ascensão às classes sociais mais elevadas, ameaça à convivência harmônica entre as demais espécies e às pessoas entre si.

O que faz o lugar se tornar num espaço ideal para se viver bem, estar nas atitudes que promovam a sustentabilidade dos recursos ali existentes. No entanto, sem a adesão a esses valores fica impossível o grupo social cumprir com o seu papel de agente transformador local e global.

A reflexão que fazemos sobre o lugar tem como referência a leitura de Santos (2008), que nos indica caminhos que nos levam, a entender a importância do conhecimento e das práticas que revelam modos de pensar e sentir, conexo aos modos de utilização dos recursos essenciais á vida. Essas notas preliminares referenciam o lugar, como elemento de identidade de grupos sociais e categoria geográfica, utilizadas para apontar esses laços de afetividade com o espaço.

O objetivo desta pesquisa procura compreender nas práticas cotidianas das famílias residentes nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande - Guarabira/PB, o que vem fortalecendo a reprodução social, as alternativas de melhorias de vida e a convivência com o lugar onde essas famílias moram.

O recorte temporal escolhido para a realização da pesquisa corresponde aos anos de 1994 a 2010, por ocasião aos frequentes acessos a financiamentos, créditos e, às políticas públicas nos vários setores do governo municipal, estadual e federal, motivando a aquisição e utilização de novas tecnologias no cotidiano do camponês. Desse modo, buscamos compreender as dinâmicas do lugar, partindo

não só do elemento de identidade afetiva com o espaço, mas também, indicar as relações multiescalares que se estabelecem nessas comunidades rurais.

As pesquisas acadêmicas sobre essas comunidades, foram iniciadas durante o estudo monográfico na graduação do curso de Geografia e continuado na Especialização Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental da UEPB.

A sua importância estar na caracterização dos sujeitos sociais que compõem esse núcleo comunitário, bem como, os fatores que influenciam essa dinâmica e condicionam os processos de ocupação desse espaço enquanto possibilidade de desenvolvimento local.

Falar do lugar e, em especial a experiência da comunidade na qual nos inserimos é importante, porque nos remete a reavivar um sequencial de ações realizadas entre os camponeses, que os estimularam a buscar alternativas para melhorar a qualidade de vida no lugar onde moram.

Essa experiência torna-se importante porque no tocante que essas memórias são estimuladas ao serem indagadas, surge uma nova motivação para novas perspectivas de mudanças e, conseqüentemente mais razões, para se buscar caminhos, que nos leve a enfrentar as adversidades que nos são condicionadas pelo próprio sistema capitalista.

Nestes dezesseis anos de aproximação, e convívio com essas famílias de camponeses, parte da minha vida se ajusta à vida dessa gente no cultivo dos mesmos ideais, na troca de saberes e na interação com o empenho de criar uma consciência cidadã de transformação e emancipação, frente à pobreza e a exclusão social.

A experiência no trabalho com agricultores (as) surge numa mesma época em que vários atores sociais passam a pautar valores de sustentabilidade no processo de desenvolvimento rural. Reconhecer as potencialidades do camponês, tornando-os sujeitos na construção de sua identidade, num cenário de desigualdade social, concentração de riquezas e degradação dos recursos naturais, é desafiador, frente ao atual modelo de desenvolvimento adotado pelo capitalismo.

Diante da necessidade de melhorias de vida no campo, a emergência de estratégias para combater o fluxo migratório para os centros urbanos e a degradação ao meio ambiente, esse desafio é lançado com uma proposta de

mudança de consciência e de atitudes. É nesse contexto que essas famílias vêm cumprindo seu papel nesse processo de transformação. Através de suas práticas, como intercâmbio de experiências, reuniões, capacitações e mutirões vão tecendo a combinação da vida cotidiana com a organização social local.

Ao longo desses anos, houve momentos de crises, dificuldades e de vitórias, mas nunca deixei de acreditar no potencial transformador dessas comunidades e, na importância da nossa contribuição no processo de formação política desse grupo social.

Construir e reconstruir constantemente, um modelo de comunidade que priorize o valor da pessoa humana e a qualidade de vida de cada uma dessas famílias integrantes no núcleo comunitário, é um constante enfrentamento com forças adversas, tanto políticas, como sociais que, muitas vezes, causam sofrimento e decepções. O importante é manter-se perseverante nos objetivos programados e superar tais desafios com garra e determinação.

Utilizando da função de Agente Comunitária de Saúde, de Educadora Popular e Líder Comunitária procuro incidir entre as famílias, questões que tocam ou interessam na busca dos direitos, de viver solidariamente e recriar as formas de fazer e refazer a vida, nas diversas práticas cotidianas.

Do ponto de vista metodológico, trilhamos por alguns caminhos, dos quais destaco: a utilização da etnografia, partindo da abordagem de Chizzoti (2006), bem como, a realização de pesquisa bibliográfica em instituições como a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba.

Valer-se de conhecimentos adquiridos através da obra de Santos (2008), Morin (2003), Martins (1981), Moura (1986) Oliveira (1986) Mariano Neto (2006) entre outros; para avaliar e fundamentar a pesquisa foi importante para distinguir o conhecimento através desses autores, no sentido de elucidar o debate teórico.

Alguns sítios oficiais, como IBGE e Ministério do Desenvolvimento Agrário, foram acessados na busca de dados que se confrontasse com os da pesquisa, juntamente com as fichas cadastrais do Agente Comunitário de Saúde e da Associação de Moradores, analisados para obter informações locais.

A ficha de campo utilizada nas entrevistas com os moradores das duas comunidades, nos munuiu de subsídios, com vista, a compreendermos as relações sociais e as práticas camponesas averiguadas no lugar.

O conjunto de informações e discussões adquiridas ao longo da pesquisa nos levou a uma sistematização desse conhecimento, que do ponto de vista didático, foram organizados em três capítulos:

No capítulo 1, intitulado (A construção de Saberes Ambientais: Campesinato, Desenvolvimento e Sustentabilidade), fizemos algumas reflexões que consideramos ser a chave para o entendimento dessas duas comunidades.

No capítulo 2, intitulado (Dos Lugares e Tempos da Resistência: Agroecologia X Agronegócio.) Realizamos uma exposição das características mais gerais da resistência agroecológica x agronegócio e, no que essa reflexão resulta nas práticas cotidianas dessas famílias.

No capítulo 3, intitulado (Imagens e imaginários dos lugares do Caboclo e Pedra Grande), buscou-se compreender o que o lugar expressa na vida do camponês e de que forma o camponês interage com o meio através dos diversos elementos incorporados na cultura local.

Por último abre-se um leque para exposição das características mais gerais da comunidade, destacando os principais indicadores de desenvolvimento humano e, ao que segue anexos, fichas de coleta de dados e o questionário utilizado no levantamento das informações o que retrata um pouco essa experiência.

Procurou-se ao máximo adaptar a linguagem ao público alvo, como um dos recursos utilizados para se obter a coleta das informações práticas e teóricas, levando em consideração o nível de formação dos entrevistados, o que também favoreceu na sistematização dos conteúdos da pesquisa.

Para Freire “preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz de seu contexto imediato e de maior de que o seu é parte” (FREIRE, 2006, p. 81.). Nesse sentido esse estudo privilegia a construção coletiva do saber, articulando os diferentes conhecimentos com a prática dos colaboradores.

A leitura da realidade histórica, social e cultural dos mesmos, servirá de instrumento para a construção de um saber, direcionado para a realidade dos camponeses em questão. Passo posterior à pesquisa, que virá como proposta de difusão de um conhecimento, contextualizado e abalizado, contíguo às práticas e valores procedentes dessas comunidades estudadas, com o intuito de fortalecer a capacidade produtiva e de organização desse grupo social.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A construção de Saberes Ambiental: Campesinato, Desenvolvimento e Sustentabilidade.

Nesse processo de construção dos saberes ambiental discutido e fomentado nos debates contemporâneos nas várias camadas sociais, vem incidir reações diversas, é pertinente atentar para a particularidade onde esse saber é constituído. Em nossa pesquisa, esses saberes, os quais Morin (2003) coloca, são do camponês e a relação que ele vai estabelecer com o lugar.

Portanto, é com essa compreensão que se aprende a olhar para o lugar onde as afinidades se identificam e formam analogias que ganham caráter de multiplicidade, na riqueza da diferença e da necessidade de contextualizar as inter-relações desses saberes.

Esses saberes são conhecimentos adquiridos à medida que estes camponeses ampliam a sua visão de mundo, organizam-se politicamente e estruturam-se de forma organizada, para tornarem-se presentes na sociedade e, possam exercer o direito de lutar por melhores condições de vida.

Em parte esses conhecimentos são reflexões conscientes da realidade vivenciada por um determinado grupo social, que muitas vezes á margem da sociedade, vêm seus direitos negados. A importância da organização e do debate em prol de melhorias de vida produz entre os camponeses o desejo de lutar por uma sociedade mais justa e menos desigual.

Para Morin (2003, p 35) “articular e organizar os conhecimentos e, assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo é necessário à reforma do pensamento”. Reforma que impõe uma mudança no modo de pensar e agir que, nas comunidades estudadas aparece através do trabalho coletivo e da vivência comunitária, onde a partilha e a solidariedade são mais visíveis.

A inserção desses valores na comunidade possibilita um maior conhecimento de causas estruturais e políticas que determinam o poder e suas atribuições, dessa forma, aprende-se a ser cidadão, a lutar pelos direitos adquiridos e pelo cumprimento das políticas que favoreçam as formas de vida nessa sociedade.

Para ampliar e multiplicar esses saberes a motivação está na forma do diálogo, entre os camponeses e nas diversas formas de expressões e fazeres existentes, a força da experiência campesina vem dessa interação, que vem sendo passada entre as gerações.

No Nordeste as raízes do Campesinato vêm das Ligas Camponesas na década de 1940, que instigou a luta dos camponeses pelo acesso a terra e por melhores condições de vida no campo. Esse movimento campesino tomou largas proporções de mobilização, mesmo sendo marcado pela forte violência e pelos muitos assassinatos de camponeses que buscavam se organizarem na luta pelos seus direitos.

O avanço da luta camponesa promovido pelas Ligas, deixou as elites latifundiárias do país numa posição de confronto. A luta de classe ganhava contornos profundos com o avanço da organização dos camponeses. É nesse ponto que está a inflexão da luta de classe. Ela ganha sua dimensão maior: a luta contra o capital. E com sua dimensão internacional. O avanço da luta camponesa estava na raiz das revoluções socialistas que ocorreram no pós Segunda Guerra. (OLIVEIRA, 2007.p 110)

Desde então a luta pela terra vem sendo marcada pela violência e pelo descaso das autoridades, a reforma agrária vem sendo ignorada pelos governantes, mesmo sendo, uma das principais causas da desigualdade social e da concentração de terras no campo. (MOURA, 1986)

A pequena agricultura campesina nos seus diferentes contextos tenta através de novas iniciativas, provocar junto ao poder público. Nesse processo de desenvolvimento, na contra mão do agronegócio. Um protagonismo que aponte para a possessão de uma agricultura sustentável, com estratégia de inovação e, que permita uma maior participação nas políticas públicas e na auto-afirmação de mercado.

Esta é uma realidade que se constata no modelo de produção das famílias de camponeses, considerando as condições “desfavoráveis”, comparadas as do agronegócio, em tecnologia, acesso a terra e insumos, consegue produzir suficientemente para alimentar todo o país.

Segundo dados do último Censo Agropecuário (2006) do IBGE, a realidade agrária no Brasil aponta que, 47,86% dos imóveis rurais tem menos de 10 hectares, e ocupam somente 2,36% da área, contrapondo-se com 1% dos

imóveis que tem área acima de mil hectares e ocupam 44,42% das terras, como mostra a tabela. (Censo Agropecuário 2006 p. 176).

Tabela – 01: Número de estabelecimentos e área dos estabelecimentos agropecuários por grupos de área total.

Grupos de Área Total	Número de estabelecimentos (unidades)	Variável		
		%	Área dos estabelecimentos (hectares)	%
Menos de 10 hectares	2.477.071	47,86	7.798.607	2,36
10 a menos de 100 hectares	1.971.577	38,09	62.893.091	19,06
100 a menos de 1000 ha.	679.930	13,14	112.696.478	34,16%
1000 ha. e mais	46.911	0,91	146.553.218	44,42
TOTAL	5.175.489	100,00	329.941.393	100,00

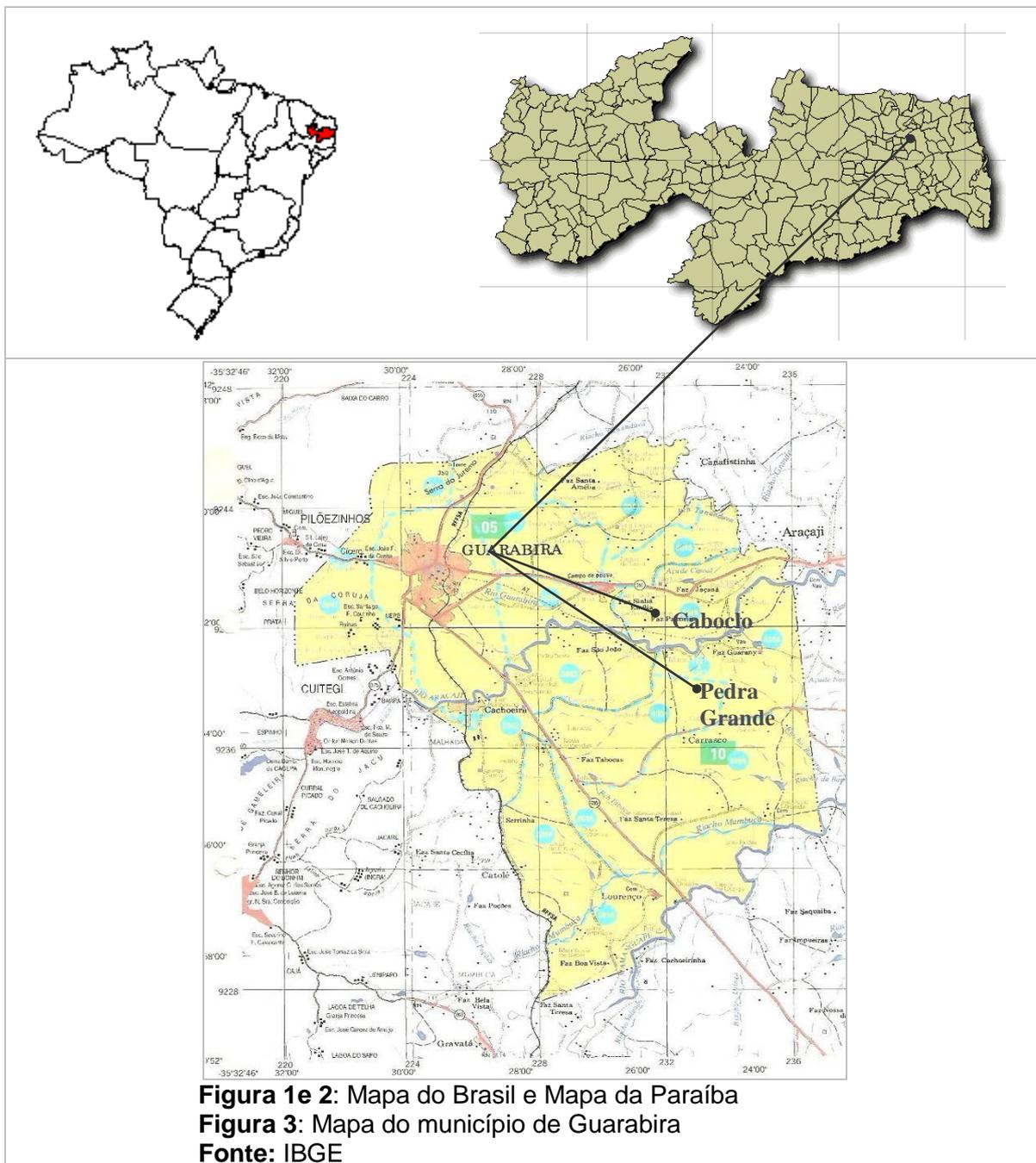
Fonte: IBGE, Censos Agropecuários 2006.. Esses resultados foram calculados excluindo os estabelecimentos que não reportaram produção em 2006.

Enquanto a maior parte das terras está em mãos de poucos, a fragmentação dos pequenos imóveis origina um fenômeno de vilarejos rurais. Embora alguns sejam contemplados com algumas infraestruturas não correspondem à necessidade básica de quem vive no campo, que é a produção de alimentos e a geração de renda.

Para Mariano Neto, (2004), “na Paraíba as menores concentrações fundiárias estão ao norte de Campina Grande e estornos do Brejo, os minifúndios não chegam a representar 25% do território paraibano”. Nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande onde se realizou a pesquisa, a área em média trabalhada corresponde a cinco hectares por cada família, insuficientes para desempenhar atividade de mercado e favorecer uma renda sustentável.

A economia campestre se contrapõe a economia comercial impulsionada pelo modelo capitalista de desenvolvimento, que se baseia exclusivamente na lógica de mercado. Considerando as diferenças na produção e o objetivo da agricultura campestre, que muitos camponeses partem para buscar novos conhecimentos, no aspecto de melhorar a sua relação com os recursos naturais e com o meio ambiente, aderindo assim, aos métodos da agricultura orgânica.

Localização das Comunidades de Caboclo e Pedra Grande



As comunidades de Caboclo e Pedra Grande estão localizadas no município de Guarabira no agreste paraibano a 96 km da Capital João Pessoa e, aproximadamente a 14 km da sede do município. Trata-se de uma comunidade com características de vilarejo rural, haja vista, que as pequenas porções de terra, herdadas pelos antecessores estão bastante fracionadas entre as novas gerações que se aglomeram nesses pequenos espaços.

Nas décadas de 1970 e 1980 a maioria das famílias que moravam nas imediações das comunidades de Caboclo e Pedra Grande em fazendas como arrendatários e meeiros foram para a cidade, empurradas pelo processo de manobra que originou o Êxodo rural. Restando apenas as que herdaram de seus genitores suas pequenas glebas, às margens da estrada e do rio Araçagi.

Quando a população é obrigada a sair do campo, para morar nas periferias urbanas locais, observa-se uma significativa alteração das relações espaciais e também de produção, pois no interior das grandes propriedades, o sistema morador, reservava tempo/espaço para a produção subsistente de alimentos e de excedentes para as feiras livres locais. (MARIANO NETO, 2004, p, 11),

Não é fácil resistir à idéia de melhoria de vida na cidade, os filhos do camponês na medida em que se tornam maiores e independentes procuram os centro urbanos, em busca de outras formas de vida. Com isso vários problemas se acentuam, de maneira que, a falta de mão de obra para conduzir a pequena propriedade e a produção de alimentos nessas comunidades tem diminuído ano após ano.

O modelo de propriedade nestas comunidades está relacionado à pecuária bovina, o pequeno produtor vem copiando esse modelo desde a década de 1970, portanto o maior desafio é apontar valores as culturas agroecológicas de maneira que haja um aumento na produção e na renda dessas famílias.

Transformar esse modelo de produção não é tarefa de um dia para outro, é preciso respeitar o momento de cada agricultor. A mudança vai acontecendo na medida em que os agricultores vão tomando consciência e mostrando credibilidade naquilo que fazem.

Alguns costumes e técnicas utilizadas pelos mais antigos estão caindo no desuso, procedimentos antes realizados através da tração animais e braçais se tornam inviáveis por falta da mão de obra e o camponês é forçado à utilização das mesmas técnicas degradantes utilizadas na grande propriedade. (MARIANO NETO, 2004).

A idéia de aumentar a produção diminuindo a mão de obra faz o camponês utilizar de métodos que o agro negócio adota e, que ao longo dos anos causam sérios prejuízos econômicos na atividade agrícola. Como a degradação do solo pela utilização de tratores, a poluição das águas pelo uso de agrotóxico, a

salinização do solo pela irrigação por aspersão e o uso das coivaras, causando as queimadas, aumentando o acúmulo do dióxido de carbono na camada de ozônio.

Essas atitudes são constantemente adotadas na agricultura, quando o camponês não tem consciência do real problema adotado por essas práticas e, visam uma rentabilidade econômica na produção a curto prazo. Sendo a pequena propriedade, um instrumento de geração de renda, agindo assim mostra-se inviável garantir as condições de viver na terra, de maneira sustentável.

Essas pequenas propriedades nas comunidades estudadas são divididas em diversas áreas, com o intuito de diversificar as atividades na agricultura, na pecuária, subdividindo os espaços para construir a moradia e pequenas instalações para os animais, alguns barreiros que servem para captação da água de consumo animal, as plantações de culturas permanentes e algumas fruteiras. Veja em percentagem a utilização das áreas estabelecidas para:

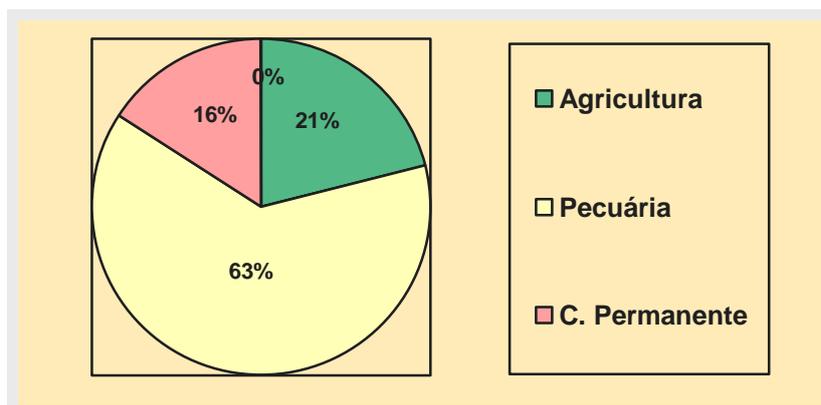


Gráfico 01: Utilização das áreas estabelecidas

FONTE: SILVA, Maria das Graças. 2010.

Para quem tem uma pequena propriedade a viabilidade da atividade é muito importante e a sustentabilidade depende de um planejamento bem adaptado à realidade de cada produtor, com determinações de metas e a participação efetiva dos principais interessados, sempre focando as prioridades e os objetivos, e não esquecendo dos critérios de conservação dos recursos naturais.

Na década de 1990 alguns órgãos institucionais junto à associação local se juntaram com propostas de projetos que viessem melhorar as condições de renda e trabalho dessas famílias, a idéia era dar as condições necessárias para se

manterem no campo. Então foram introduzidos na comunidade alguns desses projetos financiados com recursos do governo federal, infelizmente não se levou em conta a participação no processo de discussão e planejamento, muito menos as afinidades e as relações existentes entre as famílias interessadas.

Com isso um grupo de vinte agricultores das comunidades de Caboclo e Pedra Grande através da Associação, teve acesso a um investimento do Banco do Nordeste para a aquisição de um trator, com a finalidade de facilitar o trabalho na agricultura, infelizmente vários problemas foi se acumulando ao ponto de desestruturar as atividades da associação frente ao uso do trator. Hoje esse grupo de agricultores encontra-se endividado com o banco e, apenas um dos vinte associados tem usufruto do trator.



Imagem1 - Agricultores da comunidade utilizando de corte de terra com o trator da Associação – **Fonte:** Associação local – 2007

O recurso foi implantado na verticalidade, sem passar por uma análise mais profunda e questionadora da situação local, o resultado de todo esse processo tem sido o endividamento, a falta de estímulo na atividade agrícola, e o descrédito com as instituições financeiras.

É importante também promover um protagonismo entre os camponeses para se constituir nessas comunidades um ambiente onde as pessoas possam participar desse mesmo processo como sujeitos de mudança. Livres para opinarem e definirem seus espaços de mudanças e tecnológicas, bem como de resistências. (OLIVEIRA, 2007). Esse protagonismo do camponês se dá à medida

que ele passa a ter não só o acesso às tecnologias, mas também às políticas que potencializem a sua estabilidade na terra.

Pensar em desenvolvimento e sustentabilidade detém-se numa luta principal que é acesso a terra e as políticas que estimule a pequena agricultura e um planejamento condizente com as potencialidades da pequena propriedade e as aptidões do camponês.

Como afirma Martins (Ano, 1981), o que presenciamos no campo, é uma contradição desigual e combinada, de um lado a ação desenfreada do agronegócio, voltado para o mercado externo e na monocultura, como modelo de produção agrícola. E o campesinato que resiste na terra buscando em certa medida, quebrar com a lógica capitalista da grande propriedade e se utilizando de um modelo policultor como podemos observar no tópico que se segue.

2.2 Dos Lugares e Tempos da Resistência: Agroecologia X Agronegócio.

Após a segunda guerra mundial, a agricultura passou por grandes transformações, uma vez que o aumento populacional torna-se crescente e conhecimento humano avança nas áreas da biogenética, a produção agrícola torna-se mais rápida e em grande escala, baseada na aplicação de fertilizantes e defensivos químicos com o objetivo de atender cada vez mais a demanda do mercado.

Associada a necessidade do aumento da produção adota-se à mecanização na agricultura e a grande concentração fundiária, estimulando o agronegócio enquanto que o camponês é forçado a migrar para a cidade em situações de extrema pobreza, sobrevivendo de bico e morando em áreas de risco. (OLIVEIRA, 1986) Esse modelo vem se perpetuando por décadas, e dá origem às desigualdades sociais, bloqueia o crescimento econômico e destrói os recursos naturais.

Enquanto uma família de camponeses devia ter pelo menos sete ou oito hectares para viver dos produtos do solo, - e é sabido como já vivem os camponeses – já se não pode mesmo dizer qual é a extensão mínima do terreno necessário para dar a uma família tudo o que se pode tirar da terra – o necessário e o luxo – cultivando-a segundo os processos da cultura intensiva. Cada dia encurta esse limite. E se nos perguntam qual é o número

de pessoas que podem viver ricamente no espaço duma légua quadrada, sem nada importar dos produtos agrícolas do exterior, ser-nos-á difícil responder a essa pergunta. Esse número aumenta rapidamente em proporção dos progressos da agricultura. (KROPOTKINE, 1975)

Para uma sociedade de mercado o consumismo é extraordinário, quanto mais às pessoas consomem mais as empresas produzem e os bancos liberam créditos. A ética capitalista é, portanto, o lucro, com sistemas econômicos especulativos e eficientes, que sugere o indivíduo por em prática a “liberdade” de satisfazer seus desejos, resultando muitas vezes no endividamento das pessoas.

Para (SCOTTO, 2007) Além disso, o próprio desempenho da sociedade capitalista confirma a incoerência enunciada, sobre o uso desmedido dos nossos recursos naturais, que ameaça ao esgotamento.

Uma outra forma de conduzir a propriedade está sendo introduzida entre os camponeses, à idéia é diferenciar o trato entre as diversidades das espécies animais e vegetais, entre os microorganismos, com a terra e com a água. Essa relação deve ser de promoção de vida, nos mantendo em permanente harmonia. Para (BOOF, 1993), qualquer atitude que venha prejudicar a uma simples formiguinha, pode ser também prejudicial á vida como um todo.

Produzir de forma orgânica é importante porque agride menos a natureza e os alimentos produzidos são mais saudáveis. Na Paraíba, esse tipo de cultura de alimentos tem ganhado grande aceitação no mercado. A luta para se estabelecer uma agricultura orgânica e sustentável, respeitando as limitações dos camponeses, começa a dar os primeiros passos. O camponês começa a tomar consciência, e estabelece uma nova relação de respeito com a natureza. (MARIANO NETO, 2008).

Na atualidade já surge à necessidade de uma reflexão que resulte em procedimentos que torne a agricultura familiar num meio sustentável, respeitando o processo de desenvolvimento e a preservação ambiental.

É notável que muitas ações degradantes ao meio ambiente sejam realizadas de forma conscientes, que a pressa pela rentabilidade econômica adversa ao bom senso, promove prejuízos lesivos ao meio ambiente. (GUTERRIS, 2006)

Nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande onde se desenvolveu a pesquisa é uma prática comum entre os camponeses, utilizarem de conceitos, de

técnicas e conhecimentos herdados pelos mais antigos, repassados por gerações, e, apresentam-se alguns vestígios de atividades conduzidas no conceito de agroecologia, eis alguns exemplos:



Imagem 2 e 3. Sr. Pedro Felix, 69 anos, e processo de armazenamento de sementes.
Fonte: SILVA, 2010.

Sr. Pedro 69 anos, relata que “... A semente de plantar tem que ser bem escolhida, tanto do milho como qualquer outra. E deve ficar bem guardada e protegida da friagem.” (entrevista concedida em 03/2010) Ele faz o armazenamento do grão selecionado para o plantio, utilizando no processo de silagem, cinza da fogueira de São João e bastante pimenta do reino.

O recipiente onde será armazenada a semente deve ficar cheio até a borda e lacrado com cera de abelha ou sabão, para impedir a passagem do ar. Isso garante uma durabilidade durante meses, até a época do plantio, sem que a semente sofra alterações na qualidade de germinação.

Para Sr. Antonio Felix 87 anos, combater as pragas que destroem a plantação como a mosca branca e a lagarta, o procedimento é utilizar a manipueira, (líquido extraído da mandioca) ou o fumo em maceração, adiciona-se água e aplica na plantação.

Outros costumam plantar o gergelim em volta do roçado para diminuir a ação das pragas. Eles afirmam que as flores do gergelim atraem os insetos diminuindo a proliferação. São atitudes simples como estas que evita uma ação mais drástica como o uso do veneno e, que trás danos a saúde do agricultor e prejuízos com o meio ambiente. (entrevista concedida em: 03/2010)

Ainda é bastante utilizada a técnica de arar a terra com o cultivador puxado por um boi domesticado, essa prática agride bem menos que a aragem feita por tratores. Na Agroecologia é importante essa interação entre o camponês e a natureza, além de ser uma alternativa que vem se ajustando no âmbito da pequena propriedade integrando diversos aspectos socioeconômicos, agrícolas e ecológicos.

Um fator preocupante é o que o mercado propõe de facilidades e estimula o camponês largar essas tecnologias por tecnologias que promove a destruição de valores e conhecimentos perpetuados por gerações. Empresas especializadas em produzir sementes alteradas geneticamente, vêm convencendo o camponês a não ter sua própria semente. (OLIVEIRA, 2007)

Nem sempre as sementes fornecidas por essas empresas se desenvolvem bem de uma região para outra. Em muitos casos exigem boas condições de clima e terra fértil. Quando não há isso, acabam dando uma produção muito baixa.

Mesmo existindo uma legislação decreto Nº. 6.323, de 27 de dezembro de 2007, sob a Lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003 que dispõe sobre a agricultura orgânica. É importante apelar para uma nova consciência, onde o indivíduo se sinta sujeito ativo nesse processo de mudança.

A intolerância quanto ao entendimento e aceitação de agrupar valores positivos e desprender-se das práticas degradantes constitui um desafio, e dificulta o processo de desenvolvimento rural sustentável. Portanto, uma atividade que aparentemente pode ter uma boa rentabilidade econômica, sendo mal planejada e executada pode causar danos irreparáveis ao meio ambiente.

O trabalho na agricultura, implica na realização de distintas atividades, com a utilização de diferentes ferramentas e técnicas que permitem integrar toda a família, promovendo a participação nas buscas de soluções baseadas em suas próprias capacidades e recursos.

No caso de Caboclo e Pedra Grande, a relação dos camponeses com a terra, a partir do uso da agroecologia tem sido um elemento de resistência. Essas terras não são consideradas como terra de negócio, mas, sobretudo, terra de herança. Lugar de moradia, onde as práticas adotadas na agricultura têm favorecido a geração de renda, sem agredir o meio ambiente.

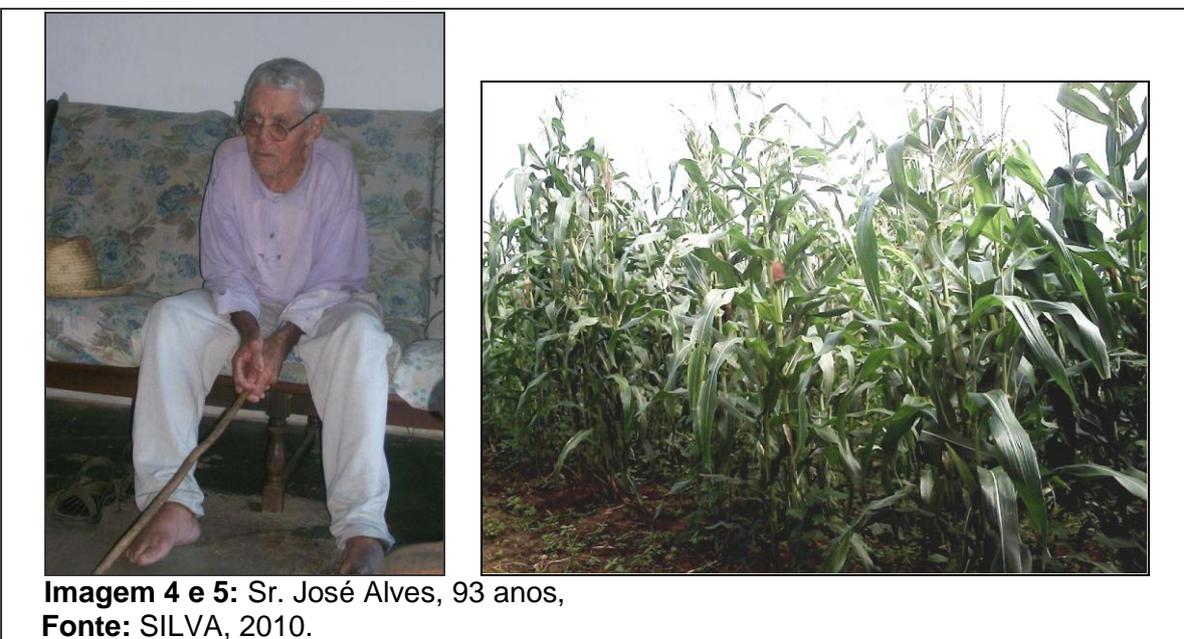
2.3 Imagens e Imaginários dos Lugares de Caboclo e Pedra Grande

O sentimento de pertencer a um determinado lugar expressa no cotidiano da vida do camponês as imagens e imaginários, entre outros diversos elementos, que se interagem nesse determinado espaço nas relações que ele vai construindo ao longo de sua vida.

A maneira como essas relações se apresentam é multidimensional e vão se constituindo numa complexidade que precisam ser reconhecidos numa perspectiva de realidade que se ajustem as diversidades constituídas no núcleo social ao qual se inseri. (SANTOS, 2008)

Os mais antigos na comunidade são os guardiões desses conhecimentos, passado de pai para filho, guardadas na memória de uma geração a outra e, quando lembrados de alguns costumes, hábitos ou até mesmo o jeito de realizar algumas atividades de épocas anteriores, percebe-se um saudosismo das relações sociais daquela época.

O fato é que havia uma vida comunitária muito mais forte entre as famílias e uma organização social embasada na coletividade para dar suporte às necessidades de sobrevivência em condições adversas. (MARIANO NETO, 2001)



Sr. José Alves, aposentado de 93 anos. Relata: “Eu criei quatorze filhos aqui nesse lugar, trabalhei muito! Durante o dia tava no roçado e de noite até altas horas eu puxava agave numa máquina, da quinta pra sexta eu fazia as

cordas, e levava pra feira no sábado. Arranquei muito toco ali na Fazenda Guarani. Um ano plantava numa manga no outro ano tinha que desmatar outra área. Aquilo tudo era mata, que foi desmatada pra criar gado. Ali dava muito algodão, feijão e milho! Agente não tinha o luxo que temos hoje!”. (Entrevistado em abril de 2010).

As famílias geralmente, formadas com um número maior de filhos tinham uma vida bastante modesta. Consumiam em grande parte o que era produzido ali mesmo na pequena roça, por isso raras vezes iam à cidade.

Quando necessitavam de algum produto básico, compravam no pequeno armazém que abastecia a comunidade com algumas iguarias e outros produtos diversificados. Enfrentavam várias dificuldades, referente à assistência à saúde, a educação e não havia conhecimento nem acesso aos direitos do trabalhador.

O gado era criado na capoeira, livres, marcados apenas por ferro ou detalhes nas orelhas para identificar o dono do animal, somente na década de 1950 é que as terras foram divididas por cercas e arame farpado. A partir daí o desmatamento se generalizou para plantar o capim e expandir a pecuária de corte com a criação do gado nelore.

A atividade econômica de maior relevância foi a cultura do algodão havendo na comunidade, um tear para fabricação de redes. O sisal também era bastante utilizado na fabricação de cordas. Essas atividades eram desenvolvidas artesanalmente e assumia um grande percentual na geração de renda das famílias na comunidade.

Com o avanço tecnológico, algumas características do mundo rural têm sido ofuscadas pelas mudanças de hábitos do mundo moderno. o acesso aos meios de comunicação de massa e aos meios eletrônicos de entretenimento levam as pessoas a viverem isoladas, as informações chegam diretamente dentro dos lares através da mídia. Estas redes têm enorme eficácia na mobilização, mas a ideologia está profundamente influenciada, aos interesses do capital e do consumismo. (GRAZIANO, 1999)

Alguns fatores relevantes da modernidade têm favorecido ao acesso a várias tecnologias e ocasionado o abandono de outras. O antigo fogão de lenha foi substituído pelo fogão a gás, o meio de transporte mais utilizado era o cavalo e a carroça, hoje a motocicleta.

O carro de boi utilizado para transportar cargas, pouco se ouve seu zunido, é o barulho dos tratores substituindo o som melancólico das rodas de madeira. Enfim, as atividades que antes eram feitas por tração animal, na atualidade são realizadas pelas máquinas.

Com a chegada da luz elétrica a televisão ocupa o tempo em que às famílias se reuniam sentadas no terreiro nas noites de lua cheia ou em volta da fogueira, ou para contar estórias de trancoso. A televisão e a parabólica estão em todos os lares e ocupou lugar de destaque, até a internet já é um meio de informação que começa a fazer parte da rotina de quem vive no campo.

O uso de eletrodomésticos como a máquina de lavar e o micro-ondas já fazem parte do sonho de consumo de muitas mulheres do campo. A diversidade de atividades agrícolas, o acesso ao crédito e a abertura de mercados têm melhorando a renda e possibilitado o agricultor à acessibilidade a esses bens de consumo.

Apesar de existir muitas características do urbano no meio rural, o homem do campo tem um vínculo muito forte com a natureza. Essa interação com o meio influencia na formação da consciência e possibilita uma visão de mundo e de sociedade mais subjetiva, por isso as comunidades rurais ainda são fortalecidas por vários fatores que promove o ajuntamento entre as pessoas entre outros alguns costumes ainda são conservados e isso aproxima as famílias residentes na localidade. (MORIN, 2003)



O mês de junho é uma ocasião para a confraternização entre as famílias é tempo de encontrar os parentes distantes de outras regiões que vêm para matar a saudade da família e dos amigos. Por ser o período de colheita do milho verde, as famílias preparam diversas receitas como a pamonha, canjica, bolos, milho cozido etc. A fogueira é acesa em frente da casa e forró é a modalidade de música mais ouvida e a dança preferida pelos jovens, que se animam festejando o São João.

A religião é desses fatores predominantes nas comunidades rurais, às famílias de camponeses reúnem-se geralmente, numa pequena Capela para celebrar a missa e realizar os sacramentos. É também um espaço para as novenas no mês de maio, onde todas as famílias se encontram para homenagear a Virgem Maria.

No último dia do mês de maio realizam a coroação da Imagem de Nossa Senhora da Conceição e a queima das flores coletadas durante todo o mês. Na ocasião uma grande fogueira é feita em frente da Capela e, num ritual em volta da fogueira, crianças vestidas de anjos, jogam as flores e todos cantam hinos de louvores a Maria.

Enquanto a fumaça sobe como holocausto ao céu, fogos de artifícios são lançados, causando um efeito que encanta a todos os presentes. Esse é o momento que a comunidade demonstra o seu maior poder de articulação e mobilização entre as famílias.



Imagem 8 e 9: Festa da Coração da Imagem de N. Senhora da Conceição no mês de maio. **FONTE:** SILVA, 2010

Para entender esse processo de religiosidade e o sentido da fé do camponês, é preciso compreender o que origina a resistência e o enfrentando da adversidade no imaginário rural, para Moura (1986).

Se o peso específico da religião é maior na cultura simbólica camponesa, é porque fornece uma explicação cheia de sentidos e sinais para quem observa diariamente o mistério da terra, da água do ar, bem como a incompetência dos poderes seculares para atender as necessidades inerentes a seu modo de vida. (MOURA, 1986. p 22).

Nesse caso é importante observar que posição na sociedade esse pequeno grupo social se inclui, se estar aberto a responder os critérios que a sociedade capitalista vem atribuindo, ou tem como propósito fomentar os valores comuns que se perpetuaram ao longo do tempo, que faz dessa comunidade um referencial na solidariedade, na convivência harmônica, e na partilha do conhecimento. (MOURA, 1986. p 22)

Identificar-se com o lugar onde se construiu a formação da subjetividade, a relação com o ambiente, à vivência em família, o trabalho e a vida em comunidade, produzem os saberes que dão estilo aos modos de relação com o lugar em que se vive.

Saberes que se definem num processo sempre contínuo, constituindo a identidade de uma comunidade e o seu posicionamos frente as relação do local com o global. (SANTOS, 2008)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse estudo a utilização da etnografia (CHIZZOTTI, 2006.) como método de pesquisa, deve-se a importante contribuição dos moradores da comunidade e camponeses interessados em participar desse estudo. Expondo seus pensamentos, seus conhecimentos e ponto de vista frente à exposição de temas relacionados à realidade local.

De maneira, que várias atividades distintas têm se colocado na realização desse trabalho, que a princípio serviram como subsídio para o embasamento desta pesquisa. Para isso foram desenvolvidas:

1. Visita nos domicílios para entrevistar os agricultores e agricultoras da comunidade;

2. Observação in loco e apreciação sequencial de técnicas utilizadas a cada atividade na agricultura e na pecuária;
3. Troca de experiência entre os camponeses participantes na pesquisa.
4. Reuniões com os agricultores (as)

Do ponto de vista metodológico, trilhamos por alguns caminhos, dos quais destaque: a utilização da etnografia, partindo da abordagem de Chizzoti (2006), bem como, a realização de pesquisa bibliográfica em instituições como a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba.

Valer-se de conhecimentos adquiridos através da obra de Santos (2008), Morin (2003), Martins (1981), Moura (1986) Oliveira (1986) Mariano Neto (2006) entre outros; para avaliar e fundamentar a pesquisa foi importante para distinguir o conhecimento através desses autores, no sentido de elucidar o debate teórico.

Alguns sítios oficiais, como IBGE e Ministério do Desenvolvimento Agrário, foram acessados na busca de dados que se confrontasse com os da pesquisa, juntamente com as fichas cadastrais do Agente Comunitário de Saúde e da Associação de Moradores, analisados para obter informações locais.

Para a realização desse trabalho foram elaborados alguns questionários utilizados nas entrevistas e palestras (apêndices 1, 2 e), e ficha de campo para coleta de dados. Esse recurso tem como objetivo vincular o máximo de informações práticas e teóricas que possam favorecer no desenvolvimento e sistematização dos conteúdos da pesquisa.

A ficha de campo utilizada nas entrevistas com os moradores das duas comunidades, nos muniu de subsídios, com vista, a compreendermos as relações sociais e as práticas camponesas averiguadas no lugar.

O conjunto de informações e discussões adquiridas ao longo da pesquisa nos levou a uma sistematização desse conhecimento, que do ponto de vista didático, foram organizados em três capítulos:

No capítulo 1, intitulado (A construção de Saberes Ambientais: Campesinato, Desenvolvimento e Sustentabilidade), fizemos algumas reflexões que consideramos ser a chave para o entendimento dessas duas comunidades.

No capítulo 2, intitulado (Dos Lugares e Tempos da Resistência: Agroecologia X Agronegócio.) Realizamos uma exposição das características mais gerais da resistência agroecológica x agronegócio e, no que essa reflexão resulta nas práticas cotidianas dessas famílias.

No capítulo 3, intitulado (Imagens e imaginários dos lugares do Caboclo e Pedra Grande), buscou-se compreender o que o lugar expressa na vida do camponês e de que forma o camponês interage com o meio através dos diversos elementos incorporados na cultura local.

Por último abre-se um leque para exposição das características mais gerais da comunidade, destacando os principais indicadores de desenvolvimento humano e, ao que segue anexos, fichas de coleta de dados e o questionário utilizado no levantamento das informações o que retrata um pouco essa experiência.

Procurou-se ao máximo adaptar a linguagem ao público alvo, como um dos recursos utilizados para se obter a coleta das informações práticas e teóricas, levando em consideração o nível de formação dos entrevistados, o que também favoreceu na sistematização dos conteúdos da pesquisa.

Para Freire “preciso ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz de seu contexto imediato e de maior de que o seu é parte” (FREIRE, 2006, p. 81.). Nesse sentido esse estudo privilegia a construção coletiva do saber, articulando os diferentes conhecimentos com a prática dos colaboradores.

A leitura da realidade histórica, social e cultural dos mesmos, servirá de instrumento para a construção de um saber, direcionado para a realidade dos camponeses em questão. Passo posterior à pesquisa, que virá como proposta de difusão de um conhecimento, contextualizado e abalizado, contíguo às práticas e valores procedentes dessas comunidades estudadas, com o intuito de fortalecer a capacidade produtiva e de organização desse grupo social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Exposição dos resultados e Caracterização geral e análise do desenvolvimento local das comunidades de Caboclo e Pedra Grande

As comunidades de Caboclo e Pedra Grande no município de Guarabira se destacam pela paisagem do rio Araçagi que favorece na prática da agricultura e

da pecuária pelo uso da irrigação, além de ser fonte de alimento, pois várias famílias introduzem o peixe na dieta.

Este rio é afluente da Bacia Rio Mamanguape, entrecortando os municípios de Pilões a Guarabira, no seu percurso vem acumulando também os dejetos que são jogados em seu leito. Por causa do desmatamento da mata ciliar, o assoreamento está causando um impacto na estrutura e na qualidade de vida do nosso rio, ocasionando deslizamentos e outros prejuízos.



Imagem 10 e 11: – Vista da passagem molhada e trecho do rio Araçagi
Fonte: SILVA, 2010

A vegetação típica de agreste, com predomínio das espécies como o marmeleiro (*croton sp*), o juá (*zizipus joazeiro*), a catingueira (*caesalpinia pyramidalis*), e várias outras espécies que compõem a vegetação nativa da região. Algumas dessas espécies também são de uso fitoterápico para a utilização de remédios em forma de chás, xaropes e garrafadas.

Há poucas áreas com extensões de mata, o que se vê são grandes extensões de terra coberta por grama que serve de pasto para o gado e alguns poucos arbustos cobertos por vegetação rasteira.

O solo tem uma característica avermelhada, ou de coloração escura, em alguns pontos arenosos, em outro pedregoso. Tem grande utilização no plantio da mandioca, macaxeira, feijão de corda (macaça), milho e diversas culturas como, inhame, abacaxi etc.

A base da economia local é a pecuária e a criação de pequenos animais, a agricultura de subsistência é determinante com o plantio de milho, feijão, macaxeira e inhame. Outra atividade que vem sendo desenvolvida é a apicultura com a produção de mel de abelhas, essa atividade garante uma boa rentabilidade e não ocupa grandes áreas.

Existem na comunidade duas casas de farinha, aonde a comunidade vem beneficiar a mandioca e transformá-la em farinha. Nesses períodos de farinhadas, as famílias se organizam em mutirão para realizarem as diversas atividades exigentes no processo de fabricação da farinha, no final todos repartem o beiju de coco feito em baixo da farinha.

É uma atividade coletiva e culturalmente imbuída no cotidiano dessas famílias, mas que vem sofrendo declínio gradativamente pelo desinteresse dos agricultores em não se sentirem motivados no plantio da mandioca para a comercialização da farinha.

Vários fatores têm contribuído no agravamento do problema, um deles é a falta de crédito para custear a produção devido ao endividamento com o banco, a falta de mão de obra para tocar a produção e o valor de mercado que não viabiliza a atividade. Entre outros as condições climáticas nesses últimos anos, não tem sido favorável a atividade, causando uma diminuição de área plantada a ponto de total abandono da atividade, resultando no fechamento das casas de farinha.

Segundo dados do IBGE comparando o censo de 1995/1996 e 2006 houve um acréscimo na produção de mandioca no município de Guarabira, nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande esse aumento da produção da mandioca nesse período, deve-se ao acesso ao crédito do PRONAF para custeio agropecuário nos anos de 1996 a 1998, e ao valor de mercado satisfatório para o produtor. A realidade atual vem mudando, o pequeno produtor tem enfrentado várias dificuldades para conduzir a pequena propriedade de maneira sustentável.

Tabela 2: Produção, valor da produção e área colhida de mandioca no município de Guarabira:

Município	Ano	Estabelecimentos	Quantidade		Valor da Produção (1000 R\$)	Área colhida (ha.)
			Produzida	vendida		
Guarabira	1996/1995	336	1.127	774	108	248
Guarabira	2006	3.373	5.057	2.235	2.412	1.705

Censo Agropecuário 1995/1996 e 2006 – Paraíba.

Fonte IBGE

As famílias de pequenos produtores que ainda se mantêm no campo são motivadas pelo apego ao lugar onde ali se estabeleceu o núcleo familiar e pelas melhorias na infraestrutura trazidas para o campo, que ocasionaram numa melhor qualidade de vida.

Nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande habitam 64 famílias com uma população de 197 pessoas distribuídas nas seguintes faixas etárias:

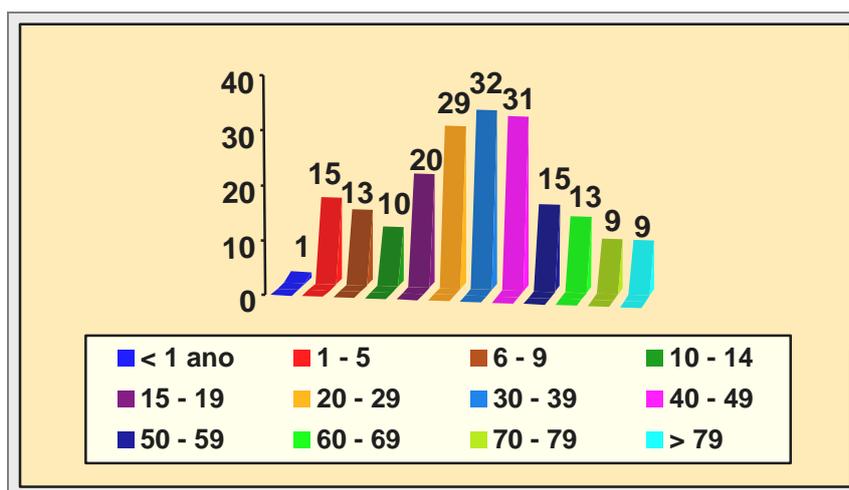


Gráfico 2: População local dividida por faixa etária:
FONTE: SILVA. 2009.

Um fator relevante é a incidência das pessoas mais idosas permanecerem nesses pequenos sítios, mantendo as mesmas atividades agrícolas, enquanto que os mais jovens vão em busca de outras atividades profissionais.

A falta de interesse dos jovens pela atividade agrícola, se dar pela falta de conhecimento no que se propõe a Agroecologia como alternativa de produção nas pequenas propriedades. Muito embora, já existam iniciativas agroecológicas nessas comunidades, as famílias que têm a agricultura como uma atividade permanente, procura diversificar as atividades e utilizam de algumas tecnologias alternativas que promovem valores de sustentabilidade.

Necessitam de serem acompanhadas, fortalecidas e incrementadas, tanto em informações e ações técnicas, como em soluções econômicas de expansão de seus produtos e organização comunitária. Normalmente não conhecem a realidade da agroecologia com a profundidade suficiente para obterem uma lucratividade maior e uma expansão mais concreta de mercados.

Entretanto, mesmo considerando uma melhoria, as relações de trabalho e renda vão se integrando às relações de poder, o camponês deixa de produzir num regime familiar para ser subordinado a sistemas convencionais.

Um outro cenário observado nessas comunidades são as formas de trabalho e renda que o camponês tem buscado para estabelecer uma melhor condição econômica e social no campo, como mostra a tabela a seguir:

Tabela – 3: Formas de trabalho e renda que se destacam nas famílias:			
Agricultura familiar		Situação no mercado de trabalho	
Atividade Permanente		Assalariado c/ carteira assinada	05
11 agricultores		Assalariado s/ carteira assinada	08
Atividade Esporádica		Funcionário público	13
29 agricultores		Autônomo c/ previdência social	01
Renda familiar		Autônomo s/ previdência social	01
Até 1 salário mínimo	33	Aposentados	40
Até 2 Salários mínimos	17	Outras rendas	
Acima de 2 salários mínimos	12	Eventualmente 09	Periodicamente 01
Programas do Governo			
Pronaf		Benefício social	
45		33	

Levantamento dos dados: Fichas de campo, Cadastros da Associação local e Cadastro da Família do Agente Comunitário de Saúde.

Fonte: (SILVA, 2010)

Uma das situações que chamam a atenção na comunidade é o aumento de funcionários públicos, de assalariados sem carteira assinada e de agricultores que utilizam da atividade agrícola esporadicamente. Essa atitude enfraquece a atividade agrícola e diminui a produção de alimentos e a criação de pequenos animais nessas pequenas propriedades.

Outra atividade que ajuda no aumento da renda dessas famílias, vem da fabricação de doces caseiros e queijos comercializados na feira do Produtor em Guarabira ou na propriedade por encomendas.



Fotografia 12 e 13: - Comercialização dos produtos na feira do produtor – Guarabira/Pb
Fonte: Associação local – 2010

Como a maioria das famílias pesquisadas possui menos de 10 hectares, a produção orgânica é uma alternativa para melhorar a situação de trabalho e renda. Mas, se por um lado os produtores que estão na agricultura tradicional pensam em aderir à orgânica, por outro, boa parte dos que são atraídos para o método que dispensa agro químico acabam voltando para o cultivo tradicional. De maneira, que há uma necessidade de reflexão que resulte em procedimentos metódicos e torne a agricultura orgânica num meio sustentável, respeitando os recursos naturais e a preservação ambiental.

As famílias que desenvolvem atividades agroecológicas têm como princípio, melhorar a qualidade do produto utilizando técnicas e recursos que não agredem o meio ambiente, enquanto que na agricultura tradicional busca-se a lucratividade e a produtividade.

No entanto, a agroecologia não é uma forma de rentabilidade econômica imediata, mas uma alternativa responsável de se utilizar os recursos naturais de maneira consciente e sustentável, além de agregar valores solidários de justiça social e respeito entre as espécies.

Das 64 famílias residentes nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande, 50% adquiriram suas terras através de herança e 30% compraram partes de terras de particulares, a relação que essas famílias estabelecem com a propriedade acontece a partir da participação na agricultura familiar. Em termos produtivos a terra é utilizada para geração de renda, mas também como ambiente de moradia, estabelecendo assim, uma relação afetiva com o lugar. (MARIANO NETO, 2001)

Na Paraíba as duas principais formas de obtenção de terras é comprar de particular ou herdar da família, como mostra os dados do censo agropecuário (IBGE, 2006).

Tabela 4: Forma da obtenção das terras na Paraíba

Compra de particular	Compra Via crédito fundiário	Titulação via Reforma agrária,	Herança	Doação	Usucapião	Outra forma
66 482	1 641	10 871	56 692	3 745	2 320	797

Censo Agropecuário
Fonte: IBGE - 2006

Em algumas dessas pequenas propriedades convivem duas ou mais famílias, isso mostra a dificuldade que essas famílias enfrentam por causa da falta de espaço para produzir. Muitos camponeses são obrigados a trabalhar em regime de arrendamento, pagando pela licença para utilizar uma determinada área de terra, geralmente no período de um ano. Esses arrendamentos são necessários muitas vezes, para fazerem seus roçados ou mesmo para utilizarem como cercados.

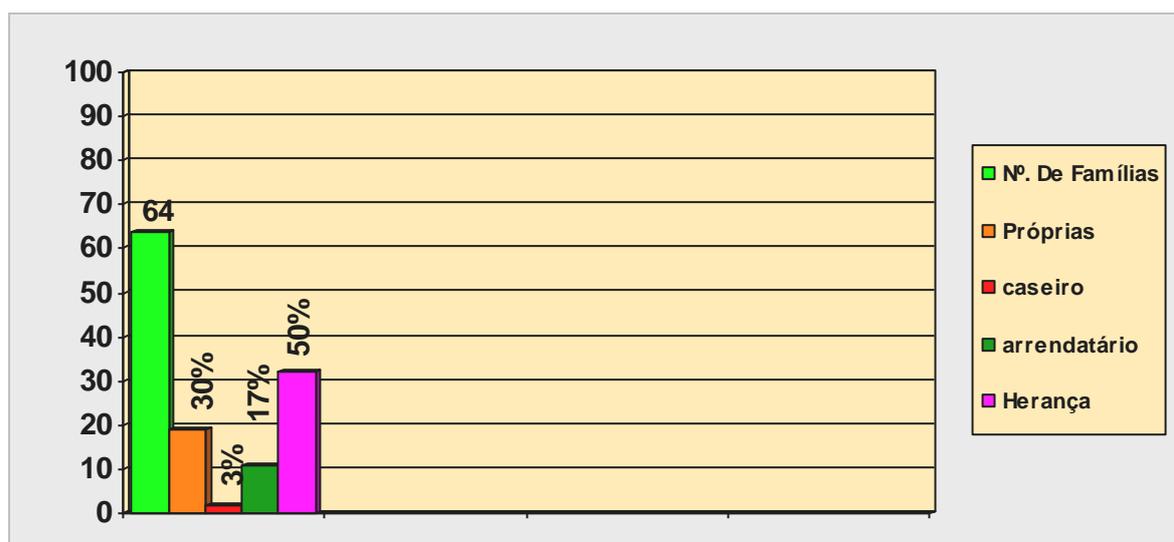


Gráfico 3: Famílias e Propriedade
FONTE: SILVA, Maria das Graças –2010.

A resistência camponesa nessas comunidades estudadas acontece através da relação de parentesco entre as famílias, e pelo apego ao lugar onde essas famílias residem e vem se estabelecendo durante décadas. A terra de herança permanece sendo reproduzida economicamente pelos descendentes por várias gerações. (MOURA, 1986)

Na ausência de uma política agrária o camponês tem mostrado força defendendo a sua bandeira de luta se organizando em sindicatos e associações para buscar melhorias de vida para campo, através de políticas públicas que permita uma melhor qualidade de vida e favoreça as atividades na agricultura.

Por outro lado são cada vez mais frequente pessoas de potencial econômico mais elevado ser atraídas para o campo em busca de melhor qualidade de vida. Geralmente preferem comprar pequenos sítios que utilizam como chácaras para finais de semana ou pequenas temporadas.

O impacto da proliferação das chácaras de fim de semana tem sido notável sobre a paisagem rural. Primeiro as chácaras contribuem para manter áreas de preservação/conservação do que restou da flora local e muitas vezes dão início a um processo de reflorestamento, mesclando espécies exóticas e nativas. Segundo expulsam as “grandes culturas” que em geral, utilizam-se das grandes quantidades de insumos químicos e de máquinas pesadas, das periferias das cidades. Terceiro, dão novo uso a terras antes ocupadas com a pequena agricultura familiar, inclusive assalariando antigos posseiros e moradores do local como “caseiros”, jardineiros e principalmente guardiões do patrimônio aí imobilizado na ausência dos proprietários. (GRAZIANO DA SILVA. 1999. P.16).

Essa característica aparece nas comunidades estudadas com o aumento de pequenas chácaras, utilizadas temporariamente como segunda residência. Não tem função produtiva, mas mantém ações que se articula com os princípios da agroecologia. Investem em espaços de lazer e jardinagem e, geralmente o que produzem é para consumo da família.

As condições de moradias nestas comunidades predominam as construções de alvenaria com instalações sanitárias de fossas sépticas, água encanada e luz elétrica. A água utilizada é feita através da rede de abastecimento CAGEPA (Companhia de água e esgoto da Paraíba), fornecida em todas as residências da comunidade. Superando os índices de 5,83% de abastecimento nas áreas rurais dos municípios da Paraíba (IBGE, 2000). Veja na tabela a seguir:

Tabela – 5: Situação da moradia e saneamento

1. Total de Domicílios existentes na Comunidade		4. Nº. de casas		6. Nº. de casas onde residem				6. Abastecimento de água		8. Destino do lixo							
1.1 Ocupados	61	4.1 Própria	75	6.1 (1-família)	6.2 (2-famílias)	6.3 (3-famílias)	6.4 (4-famílias)	6.1 Poço	02	8.1 Coletado	8.2 Queimado	8.3 Enterrado	8.4 Céu aberto				
1.2 Fechados	15	4.2 Alugada	X					6.2 Rede	80								
1.3 Temporada	06	4.3 Cedidas	05					6.3 outros	X								
TOTAL	82	5. Nº. de casas						7. Sistema de esgoto									
2. Total de Famílias residentes na comunidade	64	5.1 Alvenaria	80					7.1 Rede geral	X					21	42	X	04
		5.2 Rústica	X					7.2 Fossa	80					9. Luz elétrica			
		5.3 Taipa	01	7.3 Céu aberto	X	9.1 SIM	80	9.2 Não	01								
3. Nº. de famílias que vivem em quartos ou cômodos – 02				61	3	X	X										

Fonte: SILVA, 2010

O programa bolsa família tem sido de grande ajuda e serve de incentivo às mães colocarem seus filhos na escola. Trata-se de um programa do governo federal com um conjunto de políticas públicas de atendimento às famílias de baixa renda, com a finalidade de promover cidadania e distribuição de renda.

Nas faixas etárias de 15 a 17 anos, nível de alerta e na faixa etária acima de 25 anos, revela-se um nível de sustentabilidade crítico (MARTINS, CANDIDO, 2008). Essa mesma estatística apresenta-se na comunidade e o principal problema é a falta de incentivo aos jovens e adultos voltarem á sala de aula.

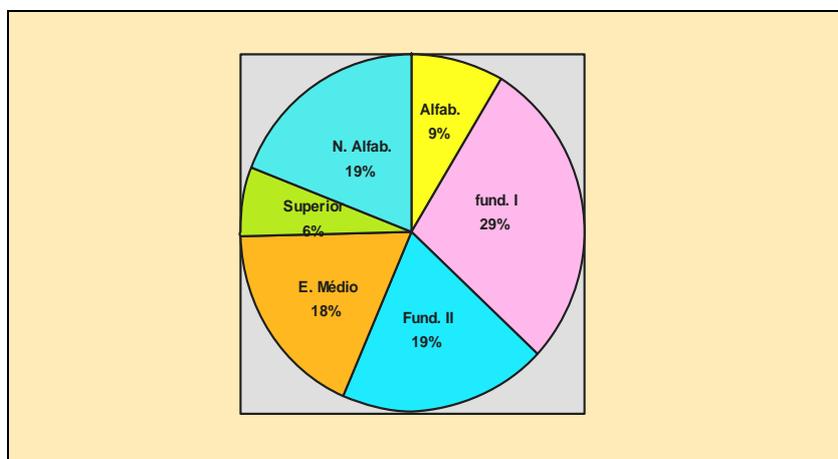


Gráfico 4: Nível de instrução da população local:

Fonte: SILVA, 2010

A Paraíba segundo o IDSM (Índice de desenvolvimento Sustentável para os municípios) em relação aos demais Estados apresenta um índice de escolarização total com nível de Sustentabilidade aceitável nas faixas etárias de 0-6, 7-14 e 18-24 anos.

O espaço específico para o lazer e para práticas esportivas é realizado no ginásio de esporte na comunidade de Maciel, onde os jovens se encontram para algumas atividades esportivas. Há outros pequenos locais improvisados para o futebol, os conhecidos campos de pelada. As crianças brincam com o que encontram, tomam banho de rio, pescam e são bastante criativas.

A vaquejada é uma das atividades culturais que mais atrai os jovens na comunidade, há também aqueles que concorrem prêmios, nessas modalidades de competição que, envolve na relação do vaqueiro, o cavalo corredor e o boi. Havendo na comunidade um pequeno parque (Parque Paiva) organizado para competições entre os jovens apreciadores desse esporte.

4.2 Breve Histórico da Organização Política da comunidade de Caboclo e Pedra Grande - Guarabira/PB

Em janeiro de 1994, se estabelece na comunidade Caboclo um grupo de missionárias apoiadas pela diocese de Guarabira, com o intuito de desenvolver um trabalho missionário junto aos camponeses priorizando ações de promoção da consciência social e de melhoria de vida dessas famílias.

Nessa mesma época um grave período emergencial de seca ocorre na região e o enfrentamento de muitas dificuldades causadas pela falta de água, fez que essas jovens missionárias buscassem o apoio das Cáritas Diocesana para começarem a desenvolver atividades coletivas na comunidade.



Imagem 14 e 15: Experiência de trabalho coletivo Mutirão para limpeza de barreiro e reforma da capela - **Fonte:** Associação Loca - 1994

Essas atividades eram realizadas uma vez por semana na comunidade, e, homens, mulheres e jovens a participavam. Na ocasião era realizado um almoço comunitário e todos colaboravam com o que tinham em casa. Essas atividades coletivas denominadas de mutirão, além de reunir as pessoas serviam para estreitarem laços de partilha e solidariedade.

As reuniões aconteciam para o planejamento e avaliações dessas ações, de maneira, que várias melhorias foram executadas como: limpeza de pequenos barreiros, cacimbões, melhoramento nas estradas e reforma da capela, em troca as famílias recebiam uma ajuda em produtos alimentícios como incentivo ao trabalho coletivo.

A participação dessas famílias nos mutirões e nas reuniões é avaliada pelos entrevistados como uma conquista da identidade no sentido de que eles juntos se tornavam fortes para lutarem e as relações de convívios tornavam-se cada vez mais estreita entre si e com o lugar onde moram.



Imagem: 16 e 17: Almoço comunitário no local das atividades
Fonte: Associação Local, 1995.

A partir daí, houve a necessidade de organizar-se e legitimar todas essas experiências de trabalho e buscar solução para os principais problemas existentes na comunidade, entre outras, a falta de luz elétrica para doze famílias, construção de uma passagem molhada para facilitar o escoamento da produção.

Em 21 de agosto do ano de 1994, é fundada a Associação dos Produtores Rurais das Comunidades de Caboclo e Pedra Grande uma entidade jurídica, de utilidade pública e sem fins lucrativos. Desde a sua fundação, tem buscado desempenhar um trabalho que vise à melhoria de vida da comunidade e de seus associados colocando-se também, como espaço para a capacitação desses agricultores promovendo cursos, palestras e atividades culturais: realizando

festas, passeios, gincanas, celebrações que fortalece e anima, melhorando o engajamento na comunidade.

Os pequenos produtores, juntamente com a sua família têm participado ativamente de todo processo de desenvolvimento de sua comunidade, chamando sempre a atenção dos poderes públicos e da sociedade a se sentirem co-responsáveis pela melhoria de vida e trabalho do homem e da mulher do campo.

Têm participado com representação nos conselhos, Conselho de Desenvolvimento Rural e do Programa de Combate a Pobreza Rural (PCPR) na maioria são espaços de discussão e, neles tomamos conhecimento das políticas públicas que estão sendo definidas.

Muitas vezes, sendo necessário uma mobilização dos camponeses para apresentarem suas propostas e garanta sua efetivação. A participação nos conselhos é uma forma da sociedade civil poder interferir na gestão dos recursos públicos e tornar públicas as políticas que favoreçam os trabalhadores.

Ao tornaram-se conhecidos, vieram às parcerias com outras entidades a exemplo da EMATER/PB, SENAR, STR, BNB, BB, Secretaria de Agricultura do município, Projeto Cooperar e as outras associações rurais e entidades locais.



Imagem 18 e 19: Reunião da Associação e curso de capacitação para as mulheres na Associação

Fonte: Associação local – 2009.

A partir daí parcerias foram se organizando, em equipes de trabalhos produtivos como: bovinocultura de leite, apicultura, criação de pequenos animais, e participação na feira do produtor rural. 57 famílias foram beneficiadas com recursos do PRONAF B e C, gerando trabalho, renda e melhorando a qualidade de vida na comunidade.

Alguns projetos de infra-estrutura também foram executados e acompanhados pela Associação como: aquisição de um trator, aquisição de oito

quites de irrigação, construção e reforma de 12 barreiros, abastecimento de água e eletrificação em 100% da comunidade, construção e reforma de casas beneficiando 57 famílias e a construção de uma passagem molhada que dar acesso às comunidades Caboclo, Pedra Grande e Maciel, facilitando o escoamento da produção agrícola do campo para a cidade.

Na capacitação dos agricultores e das agricultoras, foram realizados cursos de: cuidados e manejo na bovinocultura; treinamento de trabalho na apicultura; aperfeiçoamento na operação de tratores agrícolas; treinamento de cultivo e manipulação de plantas medicinais; treinamento de transformação caseira de doces, compotas e licores; pintura em tecidos; cultivo e beneficiamento do milho e planejamento e gerenciamento da propriedade rural.

Nesses 15 anos de fundação a Associação tem se mostrado cada vez mais atuante, não somente na sua área de abrangência, sendo referência a outras associações no município e na região. Assim, têm buscado junto à comunidade melhorar na qualidade de vida e no desenvolvimento da comunidade.

Atualmente, a Associação tem se preocupado com a necessidade de promover junto às famílias de pequenos produtores rurais, uma nova consciência para a conservação dos nossos recursos naturais e modernizar o desempenho funcional interagindo com outras experiências.



Pensar numa proposta de desenvolver um projeto que integre a família a um novo jeito de produzir de forma responsável, respeitado e conservando o meio que vivemos é um desafio, mas necessário enfrentar com responsabilidade para que se chegue numa melhor qualidade de vida na comunidade.

A relação em trabalhar a terra, produzir e beneficiar o produto final faz do camponês não somente um trabalhador do campo, mas um empreendedor, com condições de conquistar um espaço dentro do mercado consumidor.

Para que isso aconteça e haja êxito é importante investir na capacitação do homem e da mulher do campo. Essa é a nova tendência de pequenos produtores rurais, pessoas com condições de gerenciar a pequena propriedade com perfil de pequeno empresário.

A participação nos encontros municipais de discussão do Plano Plurianual (PPA), Orçamento público (LDO), Plano diretor e conselhos de direito acontece em razão dos agricultores buscarem nessas reuniões conhecimento ou informações que garanta os direitos dos agricultores. Essa prática tem ajudado esses pequenos produtores a se organizarem e lutarem por uma melhor qualidade de vida.

A participação junto ao Conselho Municipal de Saúde e no Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável, no município de Guarabira, onde os representantes têm desempenhado um importante papel no controle social, nas fiscalizações e nas reivindicações inerentes à saúde e ao desenvolvimento local sustentável, garante à comunidade parcerias e incentivos nos projetos proposto pelo gestor público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência e o conhecimento já existentes entre os agricultores e agricultoras quando compartilhado deixa de ser um conhecimento isolado e se torna uma possibilidade de acesso a todos os que dele necessitam.

A inserção do indivíduo na comunidade possibilita um maior conhecimento de causas estruturais e políticas que determinam o poder e suas atribuições, dessa forma, aprende-se a ser cidadão, a lutar pelos direitos adquiridos e pelo cumprimento das políticas que favoreçam as formas de vida nessa sociedade.

Comparando o passado com o presente, a dinâmica do tempo tem mostrado que a vida tem melhorado para quem mora no campo. Hoje há mais acessibilidade aos benefícios existente na cidade, essa circular de práticas, conceitos e significados em contextos distintos, vem estreitando uma relação

social muito maior no sentido da parceria, do reconhecimento e da troca de valores culturais e econômicos, entre aquele que vive no campo com quem vive na cidade.

Mesmo com tantas novidades tecnológicas o que é simples ainda atrai. Uma comida feita em fogão de lenha tem um sabor diferenciado, andar de charrete, ou de cavalo é uma sensação indescritível. Portanto o que antes para muitos era sinônimo de atraso, hoje é visto como exótico.

Não quer dizer que realmente se esteja garantido a sustentabilidade no campo. Há muito que ser feito principalmente, estabelecer alternativas que garantam um convívio harmônico entre o rústico e o moderno respeitando os diferentes estilos de vida.

A importância desse estudo nas comunidades de Caboclo e Pedra Grande em Guarabira-Pb se consolida a partir

- Da difusão desse conhecimento;
- Da atitude do camponês em estabelecer uma nova relação de respeito com a natureza;
- Na participação cidadã no controle das políticas Públicas;
- Nas ações de Desenvolvimento Sustentável caracterizado pela força da organização social local;
- Na experiência do trabalho coletivo entre as famílias;

Sempre numa perspectiva de melhorar na qualidade de vida dessas famílias no sentido de fortalecer a resistência em continuar no campo, com condições que apontem para um desenvolvimento sustentável.

REFERENCIAS

LIMA BEZERRA, Maria do Carmo e VEIGA José Eli da (Coordenadores) **Agricultura sustentável** /. — Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; Consórcio Museu Emílio Goeldi, 2000.

BOFF, Leonardo. **Ecologia Mundialização Espiritualidade**. Ed. Atica. SP. 1993

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 1ª ed. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 2006.

IBGE, **Censo Agropecuário do Brasil. 2006**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 34ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2006.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. 2ª ed. Campinas, SP. UNICAMP. 1999.

GUTERRES, Ivani. **Agroecologia militante**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KROPOTKINE, Pedro. **A Conquista do Pão**. 3ª Ed. Guimarães Editores. Lisboa. 1975.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Vozes. Petrópolis. 1981

MARTINS, Maria de Fátima; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. **Índice de desenvolvimento sustentável para municípios (IDSM): Metodologia para cálculos e análises do IDSM e a classificação dos níveis de sustentabilidade para espaços geográficos**. SEBRAE. João Pessoa, 2008.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário – Memória cultural, natureza e submundialização**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2001.

MARIANO NETO, Belarmino. **Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano: desenhos, arranjos e relações / Belarmino Mariano Neto. – Campina Grande-PB, 2006.**

MARIANO NETO, Belarmino. **A produção do espaço agrário paraibano enquanto instancia social**. PAR'A'IWA. João Pessoa. Nº. 5, p.1 – 19, mar, 2004.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à educação do futuro**. 8ª ed. São Paulo. Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo. Ática. 1986

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção na Agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo. Labuc Edições. 2007.

SANTOS, **A Natureza do Espaço. - Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª Ed.4ª reimpr. SP. Universidade de São Paulo. 2008.

SCOTTO et al. **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis R.J. Vozes. 2007.

APÊNDICES

Apêndice 1

UEPB – CAMPUS III

Centro de Humanidades Osmar de Aquino

Departamento de Geo-História

Curso de Geografia

Dados da família notificada na pesquisa

Família: Nº. _____

Responsável: _____

Nº. de membros: _____ Faixa etária: < de 1 ano _____ de 1 a 4 anos _____ de 5 a 9 anos _____ de 10 a 14 anos _____ de 15 a 19 anos _____ de 20 a 29 anos _____ de 30 a 39 anos _____ de 40 a 49 anos _____ de 50 a 59 anos _____ de 70 a 79 anos _____ > 79 anos _____

Quantos trabalham: _____ Quantos estudam: _____ Grau de instrução do responsável _____

Há quem exerça outra atividade ou profissão que não seja na agricultura? _____ Que atividade exerce? _____

Renda familiar: _____ Quantos aposentados? _____ Renda adquirida com a atividade na agricultura: _____ Outra renda? _____ Qual? _____

Determinantes sociais:

Condições de Moradia: _____

Saneamento: _____

Luz elétrica _____

Saúde _____

Educação: _____

Transporte utilizado: _____

Estradas vicinais: _____

Determinantes culturais:

Religião: _____ -

Atividades culturais existentes na comunidade: _____

Determinantes econômicos:

Propriedade _____ ha. condições de posse da terra: _____

Infraestrutura existente: _____

Ferramentas e insumos utilizados: _____

Atividades de produção agrícola que a família exerce na propriedade _____

Onde comercializa a produção? _____

Quais as diversificações de atividades e culturas existentes na propriedade? _____

Culturas permanentes: _____ Pecuária: _____

Outros apoios:

Assistência técnica: _____

Acesso ao Crédito: _____

Mão de obra Familiar: _____ Contratada: _____

Apêndice 2

UEPB – CAMPUS III

Centro de Humanidades Osmar de Aquino

Departamento de Geo-História

Curso de Geografia

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS

Nome _____ idade _____

Sexo _____

Endereço _____

DADOS COMPLEMENTARES

Profissão _____ Nível de escolaridade _____

Perguntas:

1. Tem observado algumas mudanças quanto ao desempenho da agricultura nesses últimos dez anos?
2. Qual a sua opinião em relação a essas mudanças? Por quê?
3. O que os jovens acham da experiência de trabalho com a agricultura?
4. Essa nova geração tem trazido idéias e aperfeiçoamento no desenvolvimento da atividade na agricultura?
5. Quais os principais riscos ou problemas enfrentados com a agricultura?
6. Há alguma coisa que o camponês possa fazer para diminuir os riscos e melhorar na produtividade?
7. Quais são as técnicas mais utilizadas no trabalho com a agricultura?

8. Qual tem sido o relacionamento do camponês com a terra, o que tem feito para melhorar e preservar-la contra os vários fatores de deterioração?
9. Todos os camponeses têm acesso a terra? Como é feita essa distribuição?
10. Há condição de uma família se sustentar na agricultura?
11. Qual é o sentimento que se tem quando se trabalha na agricultura?
12. Quais as perspectiva de futuro de quem exerce a função de agricultor e agricultora nesta comunidade, neste município, neste país?
13. Conhece as políticas que favorece ao agricultor e a agricultora no exercício de seu trabalho?
14. O que entende por desenvolvimento sustentável?
15. Já ouviu falar de ecologia? O que pensa a respeito?
16. O que sabe sobre agroecologia?
17. Quais as sugestões para melhorar a atividade na agricultura sem prejudicar a natureza?
18. Quais as formas de organização dos camponeses existentes na comunidade?
19. Como ver essa forma de organização entre os agricultores e agricultoras?
20. Há outros meios de mobilização de estratégias frente ao poder público quanto às questões inerentes a agricultura? Quais são?

Apêndice 3.

Pontos relevantes utilizados nas palestras com os agricultores durante o processo de desenvolvimento da pesquisa

Resgate Histórico e Cultural da comunidade:

1. Prestigiar pessoas que desenvolvem atividades culturais na comunidade: (literatura de cordel, artesanato, comidas típicas, danças populares, lendas, cantorias, cantos populares, fantoches, etc.);
2. Expressão dos mais diferentes estilos de músicas e danças que possam atrair os jovens e os adolescentes como estímulo para envolvê-los diretamente com os assuntos inerentes ao jovem do campo;
3. Registro de fatos Histórico da Comunidade: (resgate histórico, identificando as famílias mais antigas na localidade.);
4. Valorizar as manifestações populares e religiosas: (Festas Juninas, Mês de Maio, Festas do padroeiro, etc.);
5. Localizar na comunidade pontos estratégicos para visitação como: (casarões, capelas, cruzeiros, cachoeiras, rios, lagos, trilhas, etc.).

A Constru o da nossa própria identidade:

1. Conhecer e valorizar as potencialidades existentes na propriedade e na comunidade local;
2. Desenvolver as habilidades, o sentimento de confiança e de empreendedorismo de si mesmo;
3. Perceber-se sujeito co-responsável pela transforma o social, política e ambiental, respeitando as diferenças culturais, sociais e de g nero.
4. Identificar formas participativas nas políticas de atendimento à agricultura familiar e o meio ambiente.
5. O papel da mulher no campo e sua a o na luta pelos direitos.

Como são utilizadas as técnicas de uso do solo:

1. Combate à erosão;
2. Reflorestamento;
3. Fertilidade do solo;
4. Combate à compactação do solo;
5. Manejo.

Conservação e uso da água:

1. Técnicas de captação de água;
2. Identificação e conservação dos recursos hídricos existentes na propriedade
3. Utilização dos recursos hídricos existentes de forma responsável;
4. Cuidados de higienização da água para o consumo humano.
5. Prevenção e recuperação de áreas degradadas nos estornos de rios, açudes, etc.

A Agricultura orgânica:

1. Cadeia produtiva;
2. Defensivos naturais;
3. Saúde e alimentação;
4. Diversificação de atividades produtivas na propriedade;
5. Cultivo e manejo das principais atividades agropecuárias existentes na propriedade.
6. Conservação das sementes nativas.

Sustentabilidade econômica.

1. Economia Popular solidária;
2. Relação custo benefício;
3. Comercialização / elementos de interação entre produtor e consumidor;
4. Gerenciamento, planejamento e calendário das atividades agrícolas respeitando as oscilações climáticas.